

A AQUISIÇÃO DO ACENTO PRIMÁRIO DO INGLÊS POR CRIANÇAS BRASILEIRAS: UM ESTUDO ATRAVÉS DE RESTRIÇÕES

Luciana Iost VINHAS (Universidade Católica de Pelotas)
Giovana Ferreira Gonçalves BONILHA (Universidade Federal de Santa Maria)

ABSTRACT: *Aiming to broaden the discussions concerning the acquisition of the English stress, and to contribute to the development of the Connectionist Optimality Theory (Bonilha, 2004), the present study analyses the production of six children, native speakers of Brazilian Portuguese. The subjects named single and contextualized words: nouns and verbs.*

KEYWORDS: *English stress; foreign language acquisition; Connectionist Optimality Theory*

0. Introdução

Pesquisas em aquisição de línguas estrangeiras¹ (L2) salientam a influência de vários fatores que podem afetar seu processo de aquisição. Conforme afirma Silveira (2002:97), interferência da língua materna (L1), quantidade de uso da L1, universais, marcação, ambiente, percepção, restrições motoras, instrução, diferenças fonéticas e idade parecem ser os principais. Assim, adquirir uma segunda língua é uma experiência que envolve inúmeras variáveis, que podem tanto contribuir quanto atrapalhar o processo.

São inúmeras as discussões sobre esses aspectos presentes na literatura da área. Contudo, poucas são aquelas que procuram explicar esse processo à luz de uma teoria de descrição e análise lingüística de base conexionista. Portanto, a fim de corroborar o poder explicativo de uma teoria lingüística calcada no paradigma conexionista, nosso trabalho é ancorado na Teoria da Otimidade Conexionista (Bonilha, 2004), cujos pressupostos vão ao encontro de alguns fatores da lista acima referida, sendo outros passíveis de discussão. Assim, objetivamos analisar a aquisição do Inglês como L2 por crianças brasileiras - mais especificamente, a aquisição do acento primário do Inglês -, falantes nativas de Português Brasileiro (PB), estudantes de uma escola de línguas da cidade de Pelotas. As palavras consideradas são aquelas que caracterizam a forma padrão de atribuição de acento do Inglês - verbos não sufixados e substantivos². Buscamos, então, ampliar as discussões sobre a aquisição do acento primário do Inglês e, também, contribuir com o desenvolvimento da Teoria da Otimidade Conexionista (COT).

Três questões norteiam o presente artigo: (i) O que as hierarquias de restrições dos aprendizes parecem evidenciar quanto à aquisição do acento primário do Inglês: aquisição do acento primário do Inglês e/ou influência da hierarquia da L1?; (ii) Quais são os fatores que militam nesse processo de aquisição e o que pode ser feito para minimizá-los?; e (iii) Qual é a classe de palavras que possui mais produções corretas: os substantivos ou os verbos?

Buscando responder essas questões, estruturamos o presente trabalho em quatro seções. Em um primeiro momento, referimos os pressupostos teóricos nos quais embasamos essa pesquisa. Após essa discussão teórica, os aspectos metodológicos do estudo são explicitados. Discussão e análise dos dados são expostas na terceira seção. A quarta parte do texto é dedicada às considerações finais.

1. Fundamentação teórica

Na presente seção, dividida em duas subseções, serão discutidos os pressupostos teóricos que fundamentam o presente trabalho. Primeiramente serão apresentados os aspectos referentes ao acento primário do Português Brasileiro e do Inglês, a fim de estabelecer uma comparação entre as duas línguas. A seguir, versaremos sobre os pressupostos da Teoria da Otimidade Conexionista.

¹ No presente trabalho não fazemos distinção entre os termos “língua estrangeira” e “segunda língua”, nem entre “aquisição” e “aprendizagem”.

² Em acordo com Jensen (1993), verbos não sufixados, substantivos e adjetivos não-sufixados caracterizam a forma padrão de atribuição do acento do Inglês. No entanto, para o presente estudo, os adjetivos não-sufixados não foram considerados.

1.1 O acento primário no Português Brasileiro e no Inglês

As línguas naturais apresentam inúmeras diferenças entre si, referentes tanto a aspectos fonéticos e fonológicos quanto a aspectos sintáticos, morfológicos, semânticos, pragmáticos e discursivos. O foco do presente trabalho é a aquisição do acento primário do Inglês como L2 por crianças brasileiras, falantes nativas de PB. Cabe referir aqui, então, as características fonológicas quanto ao acento em ambas as línguas.

O PB possui algumas particularidades quanto à atribuição do acento (Cf. Collischonn, 2005:143-146): (i) o acento somente pode cair sobre uma das três últimas sílabas; (ii) a grande maioria das palavras tem o acento na penúltima sílaba; (iii) o grupo das proparoxítonas é o menor em português; (iv) há uma preferência por parte do acento na última sílaba quando terminada por consoante; e (v) há uma preferência do acento pela posição paroxítona em palavras terminadas em vogal. O PB possui, conforme Bisol (1992), a regra exposta em (1) para a atribuição do acento primário.

(1) Regra do Acento Primário (Bisol, 1992).

Domínio: a palavra lexical.

i. Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final, i. é, sílaba de rima ramificada.

ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não-iterativamente) com proeminência à esquerda, do tipo (*.) junto à borda direita da palavra.

Na língua inglesa, segundo Jensen (1993), o acento primário caracteriza-se por apresentar as especificidades relatadas em (2). É interessante salientar que o tipo de constituinte, a sensibilidade ao peso e a direção da formação dos pés vão ao encontro da proposta de Bisol (1992) para a atribuição do acento no PB.

(2) Características do acento primário do Inglês (Jensen, 1993).

a) pés maximamente binários;

b) pés trocaicos sensíveis ao peso na borda direita da palavra; e

c) pés construídos da direita para a esquerda.

De acordo com Bisol (1992), no PB, a regra de atribuição do acento em palavras lexicais não distingue os verbos e os adjetivos dos substantivos, isso não ocorre no Inglês. Sabe-se que nessa língua a atribuição do acento de palavra é um processo bastante complexo devido às especificidades lexicais e à interação com a morfologia. Muitos autores afirmam que parece ser impossível a formulação de uma regra de atribuição do acento no Inglês.

Jensen (1993) refere que o acento no Inglês é fonêmico: a posição do acento na palavra pode distinguir significado em nomes e verbos. O exemplo dado pelo autor é o das palavras *import* (substantivo) e *impórt* (verbo). O acento, então, parece ser lexical, ou seja, específico de cada palavra. No entanto, é possível encontrar um padrão na atribuição do acento para verbos e para substantivos.

Entender que existe uma regra na atribuição do acento para algumas palavras e, ao mesmo tempo, assumir que o acento pode estar especificado no input (Cf. Hayes, 1980), parece paradoxal, mas não para um modelo de análise linguística embasado no paradigma conexionista. Assumindo a existência de um input rico e, portanto, a exposição do aprendiz, tanto de L1 quanto de L2, a uma grande frequência lexical, a engramação e o estabelecimento de padrões de ativação para palavras específicas são possíveis, dependendo da frequência da palavra na língua. Palavras de baixa frequência são mais difíceis de serem adquiridas do que palavras de alta frequência, havendo, para essas palavras menos frequentes, a supergeneralização da atribuição do acento na L2 ou a transferência da L1 (Cf. Zimmer & Alves, 2006).

Os algoritmos de atribuição do acento para a maioria das palavras lexicais, ou seja, para os verbos e adjetivos não-sufixados e para os substantivos, podem ser observados, seguindo proposta de Jensen (1993), em (2) e em (3), respectivamente (Cf. Bonilha & Vinhas, 2006):

(3) Regra para verbos/adjetivos não-sufixados (Bonilha & Vinhas, 2006).

i. Marque como extramétrica a última consoante de coda da sílaba mais à direita da palavra.

ii. Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final – constituída por vogal longa ou por consoante.

iii. Nos demais casos, forme um constituinte binário com proeminência à esquerda, junto à borda direita da palavra.

(4) Regra para substantivos (Bonilha & Vinhas, 2006).

i. Marque como extramétrica a sílaba mais à direita da palavra.

ii. Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final – constituída por vogal longa ou por consoante.

iii. Nos demais casos, forme um constituinte binário com proeminência à esquerda, junto à borda direita da palavra.

Nota-se que a única distinção entre as duas regras está na aplicação da extrametricidade. No entanto, se considerarmos que, no Inglês, uma sílaba será entendida como pesada somente se apresentar uma vogal longa ou duas ou mais consoantes em coda, não haverá a necessidade de distinguir a aplicação da extrametricidade. Podemos referir, assim, conforme proposto em Bonilha & Vinhas (2006), a regra exposta em (5):

(5) Regra para verbos/adjetivos não-sufixados e substantivos (Bonilha & Vinhas, 2006).

i. Marque como extramétrica a sílaba mais à direita da palavra nos substantivos.

ii. Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final – constituída por vogal longa ou por duas ou mais consoantes.

iii. Nos demais casos, forme um constituinte binário com proeminência à esquerda, junto à borda direita da palavra.

Através das considerações feitas acima, temos, portanto, uma breve explanação acerca da atribuição do acento no PB e no Inglês. A seguir, alguns pressupostos da Teoria da Otimidade Conexionista serão apresentados.

1.2 A Teoria da Otimidade Conexionista

Estudos acerca da aquisição prosódica de L2, tendo como embasamento teórico a Teoria da Otimidade Conexionista, já fazem parte da literatura da área – Vinhas, Mesquita & Bonilha, 2004; Vinhas, Farias, Soares & Bonilha, 2004; Vinhas & Bonilha, 2005; Bonilha & Alves, 2005; Bonilha & Vinhas, 2006. Essas discussões trouxeram contribuições importantes para o desenvolvimento da teoria e abordam temas como a aquisição da estrutura silábica do Inglês e a aquisição do acento primário dessa língua por aprendizes brasileiros.

Ao contrário das teorias lingüísticas gerativas, na COT, as bases da aquisição de uma língua não são regras ou restrições inatas, oriundas de uma Gramática Universal, possíveis devido à existência de um Dispositivo de Aquisição da Linguagem. A COT entende que as bases da aquisição de uma língua são fisiológicas, ou seja, um indivíduo é capaz de adquirir uma língua porque possui um cérebro com neurônios - as unidades inatas - que estabelecem conexões, formando redes que processam as informações lingüísticas de forma paralela e distribuída.

Como modelo formal de descrição e análise lingüística, a COT explica esses processos fisiológicos ocorridos no cérebro humano através de restrições adquiridas pelos aprendizes. As regras, assim como na Teoria da Otimidade standard, foram deixadas na Gramática Universal chomskyana para darem lugar às restrições, que, organizadas em uma hierarquia, constituem a gramática de uma língua. Segundo Bonilha (2004:43), elas correspondem “às sinapses feitas entre as unidades neuronais” enquanto a hierarquia está relacionada com “o peso atribuído a cada ligação”. Assim, o processo de aquisição da língua materna é explicado através da ativação e da movimentação gradual das restrições na hierarquia do indivíduo, e a aquisição de uma L2 consiste no reordenamento de restrições militantes na hierarquia da língua materna e na aquisição de restrições que atuam apenas na hierarquia da língua estrangeira (Cf. Vinhas, Mesquita & Bonilha, 2004). Assim, restrições de marcação que não militam na hierarquia da L1 emergem durante o processo de aquisição da hierarquia da L2. É importante salientar que essas restrições são potenciais, e não presentes em uma Gramática Universal comum a todos os seres humanos, e são ativadas através da exposição do aprendiz à língua.

Retomando o que foi salientado na introdução do trabalho, referimos aspectos que influenciariam o processo de aquisição de uma língua estrangeira. Ressignificando esses fatores, assumimos como aqueles que influenciam a aquisição de uma segunda língua os seguintes: (i) a militância das restrições da língua materna e a militância das restrições da L2 – o input da L2, mapeado de forma rica, ativa a criação de determinadas restrições e o estabelecimento de novos ordenamentos; (ii) a frequência do input, pois, de acordo com o algoritmo de aquisição gradual (Boersma & Hayes, 2001), somente a frequência de determinadas estruturas é que é capaz de acionar a movimentação das restrições na hierarquia; (iii) diferenças individuais do aprendiz – decorrentes da interação entre fatores biológicos e a experiência – (Cf. Zimmer, 2006:52); (iv) a percepção; (v) restrições articulatórias; (vi) a instrução implícita associada à instrução explícita; (vii) diferenças fonéticas e fonológicas entre as línguas; e (viii) idade.

Outro aspecto teórico deve ser salientado no presente trabalho, pois será importante na discussão dos dados. Sabe-se que a Teoria da Otimidade standard (Prince & Smolensky, 1993; McCarthy & Prince, 1993) assume a existência de duas funções que compõem a Gramática Universal: Gen (*generator*) e Eval (*evaluator*). Para um determinado input, Gen seria o responsável pela criação dos candidatos a output, enquanto Eval faria a avaliação desses candidatos para determinar qual seria a forma ótima, o output.

Todavia, na proposta de Bonilha (2004, 2006), são apresentadas reformulações nessas funções com base na COT, assumindo-se que Gen passa a ser entendido como a capacidade de se criar padrões de ativação, ou seja, vários padrões podem emergir das ativações que são feitas na rede neuronal: ele representa um quadro de padrões de ativação possível, no entanto, apenas um será realizado, aquele que corresponde ao output produzido. Gen e Eval são, então, substituídos pelo Otimizador, pois criação e avaliação ocorrem juntas, uma vez que o candidato ótimo é criado com base no ordenamento de restrições. O que importa é o ranqueamento, isto é, o peso estabelecido entre as várias conexões neuronais, pois os candidatos emergem dali, sendo, portanto, uma consequência, não algo criado previamente (Cf. Bonilha, 2004, 2006).

Concluindo, o conexionismo apresenta inúmeras contribuições para o desenvolvimento de teorias lingüísticas. A Teoria da Otimidade Conexionista busca legitimar a força das sinapses no processo de aquisição de uma língua, admitindo a existência de potencialidades, e de falhas na generalização, pois o sistema deixou de ser social e único, para ser, também, individual, pois militam no processo de aquisição diferenças individuais. Nesse entremeio, temos a língua.

2. Metodologia

Já foi salientado que os sujeitos participantes do presente estudo são crianças, estudantes de uma escola de línguas da cidade de Pelotas. No momento da coleta de dados, as crianças tinham um semestre de instrução na língua inglesa. Suas idades variavam entre 9 e 10 anos, sendo duas do sexo masculino e quatro crianças do sexo feminino. Elas eram todas da mesma turma, alunas da mesma professora. O método da escola de línguas em que estudavam não aborda a instrução explícita no nível de aprendizagem dessas crianças.

A coleta de dados foi realizada com a utilização de um gravador comum. Os dados foram gravados, digitalizados e transcritos. As palavras selecionadas, verbos e substantivos da língua inglesa, foram dispostas em ambientes isolado e contextualizado, conforme pode ser observado em (6), (7), (8) e em (9), totalizando 45 palavras. Essas palavras caracterizam a forma padrão de atribuição de acento da língua inglesa, sendo, portanto, verbos/adjetivos não-sufixados e substantivos. Para o trabalho, somente serão considerados os verbos e os substantivos, totalizando 40 palavras e 240 produções.

(6) Palavras isoladas – substantivos (total: 14)

Arizona; detail; labyrinth; horizon; protest; appendix; permit; elitist; lantern; cinema; utensil; insult; project; produce

(7) Palavras isoladas – verbos (total: 14)

carouse; insult; cancel; project; produce; elect; protest; convince; permit; astonish; detail; usurp; develop; obey

(8) Palavras contextualizadas – substantivos (total: 6)

It's a detail. / It's a protest. / It's a permit. / It's an insult. / It's a project. / It's a produce.

(9) Palavras contextualizadas – verbos (total: 6)

I insult a lot. / I project a lot. / I produce a lot. / I protest a lot. / I permit a lot. / I detail a lot.

3. Análise e discussão dos dados

No presente estudo, refletimos sobre a produção oral de palavras da língua inglesa por crianças brasileiras. Na presente seção, versaremos sobre os dados coletados tendo como referencial teórico a COT. Contudo, é importante referir o estudo de Bonilha & Vinhas (2006), cujos resultados são relevantes para essa análise.

O estudo das autoras trata de produções de oito alunas de um Curso de Letras. As alunas estudavam em diferentes fases desse curso – primeiro, terceiro, quinto e sétimo semestres –, sendo duas alunas de cada semestre. Os resultados indicaram que praticamente não há diferenças entre a produção das alunas no início do curso e no final. A média de produções corretas é de 50%. Todavia, nota-se que as alunas apresentam um maior percentual de produções corretas nos verbos e adjetivos não-sufixados do que nos substantivos.

As crianças sujeitos desse estudo produziram as palavras utilizadas em Bonilha & Vinhas (2006), na mesma ordem e sob as mesmas orientações. No entanto, pertencem ao mesmo nível da escola de línguas, ou seja, todas somente tiveram um semestre de instrução na língua-alvo. Podemos observar em (10) uma tabela com as tentativas de produções e realizações corretas desses aprendizes.

(10) Tentativas de produções e realizações corretas

	S1	S2	S3	S4	S5	S6
Número de produções corretas	21/32	17/36	23/40	20/40	17/31	18/40
%	65,6	47,2	57,5	50	54,8	45

Assim como em Bonilha e Vinhas (2006), os resultados apontam para um percentual de realização correta entre 50% e 60%, evidenciando a militância da hierarquia de restrições da língua materna nos outputs produzidos. Nota-se que o sujeito com mais produções corretas, S1, apresenta percentual de 65,6%, enquanto o sujeito com menos produções corretas, S6, tem percentual de 45%.

Em (11) e em (12), expomos dois quadros. O primeiro refere-se às produções dos substantivos e verbos isoladamente; o segundo trata da produção desses itens em ambiente contextualizado.

(11) Percentual de produções corretas de acordo com as classes gramaticais – palavras isoladas

	S1	S2	S3	S4	S5	S6
Substantivos	8/13	3/12	4/14	4/14	7/11	4/14
%	61,5	25	28,5	28,5	63,6	28,5
Verbos	7/13	8/12	13/14	10/14	5/8	9/14
%	53,8	66,6	92,8	71,4	62,5	64,2

Bonilha & Vinhas (2006) referem que os substantivos possuem os percentuais de realização mais baixos provavelmente pela ausência de aplicação da extrametricidade por parte dos aprendizes. É preciso aprender que, nos substantivos, a última sílaba é invisível para a atribuição do acento. O mesmo não ocorre com a produção dos verbos, pois, apesar de os sujeitos não aplicarem a extrametricidade à consoante final, assumem simplesmente que, assim como o Português, o Inglês é uma língua sensível ao peso. Deve-se salientar, no entanto, que, ao contrário dos resultados encontrados para os dados dos adultos em Bonilha e Vinhas (2006) – quando todos os sujeitos apresentaram índices de realização correta dos substantivos abaixo de 50% -, os sujeitos S1 e S5 apresentaram um percentual correto de produção para os substantivos acima de 60%.

Interessante observar que os índices relativamente altos são também mantidos para as produções contextualizadas dos substantivos, especialmente nos dados de S1.

(12) Percentual de produções corretas de acordo com as classes gramaticais – palavras contextualizadas

	S1	S2	S3	S4	S5	S6
Substantivos	4/6	2/6	0/6	0/6	3/6	0/6
%	66,6	33,3	0	0	50	0
Verbos	2/6	4/6	6/6	6/6	2/6	5/6
%	33,3	66,6	100	100	33,3	83,3

Em relação a S1 e S5, é possível dizer que a militância das restrições da L2 já pode ser constatada em seus dados, pois apresentam maior percentual de produção correta nos substantivos. Chama a atenção, no entanto, o baixo percentual de realização correta dos verbos, pois a hierarquia da L1 seria suficiente para garantir as produções corretas. Nesse caso, o que pode estar ocorrendo é que S1 e S5, por já estarem aprendendo que nos substantivos milita o papel da extrametricidade, estejam generalizando o mesmo padrão para a atribuição do acento nos verbos.

Observem-se algumas das produções de S1 e S5 para alvos verbais em (12).

(12) Produções de S1 e S5 de verbos contextualizados

	S1	S5
/In'sɔlt/	[in'suwt]	['insuwt]
/pr↔'dZekt/	['pr Zɛkt]	[pro'ZEtkɪ]
/		
/pr↔'dus/	[pro'dus]	'produs]
/pr↔'test/	['pr tes]	['protest]
/p↔r'mIt/	['pErmiwt]	['permit]
/dI'teIl/	['dejtaw]	[de'tal]

Das seis possibilidades de produção de verbos contextualizados, os aprendizes S1 e S5 somente produziram duas formas corretas. Tal fato, aliado à ocorrência de um percentual alto de produções corretas de substantivos contextualizados, evidencia que a militância da hierarquia de restrições do inglês está mais presente do que a hierarquia da língua materna. Os aprendizes estão generalizando a aplicação da hierarquia da L2 quanto ao acento para todos os itens lexicais.

Ao contrário do que foi observado nas produções dos sujeitos S1 e S5, os sujeitos S2, S3 e S4 apresentam um percentual baixo de produções corretas nos substantivos e um percentual alto na produção dos verbos, possuindo um ranqueamento de restrições mais próximo à L1. Em (13), apresentamos algumas produções desviantes de substantivos isolados por esses aprendizes. Nota-se, portanto, que os aprendizes não aplicam a extrametricidade nesses substantivos, havendo prevalência de produções com a atribuição do acento às sílabas pesadas finais, como ocorre no português.

(13) Produções desviantes de substantivos em ambiente isolado.

- a) labyrinth - /'lɒb↔rɪnt/ - [labi'rint], [lɛbi'rint], [labi'rit], [labi'rintΣ]
- b) protest - /'prɒt.ɛst/ - [pro'tEst], [pro'testΣ]
- c) appendix - /↔'pɛndɪks/ - [apɛn'disk], [apɛn'dis]
- d) permit - /'pɛr.mɪt/ - [pEr'mit], [per'mit],
- e) lantern - /'lɒnt↔rɪn/ - [lɛn'tErn], [la'tErn], [lɛn'tEr]
- f) utensil - /ju'tɛnsɪl/ - [ãnten'siw], [uten'siw]
- g) project - /'prɒdʒɛkt/ - [prow'ZEkt], [pro'ZEkti], [pro'ZEktΣ]
- h) produce - /'prɒdʒɪs/ - [pro'dus]

De acordo com as regras de acento em (3) e em (4), no presente estudo, consideraremos as restrições expostas em (14) para a construção da hierarquia de restrições dos aprendizes quanto ao acento. A organização dessas restrições em uma determinada hierarquia é responsável pela atribuição do acento primário do inglês (Cf. Bonilha & Vinhas, 2006).

(14)

FtBin: Pés são binários em algum nível de análise, silábico ou moraico.

WSP: Sílabas pesadas são acentuadas.

Trochaic: O pé possui o cabeça à esquerda.

Non-finality: A sílaba final ou mora não é escandida em pés.

Align (Foot, R, Word, R): Pés são mapeados da direita para a esquerda.

Assim, tendo como exemplo as produções de S1 e de S3, apresentamos os tableaux expostos de (15) a (18).

(15) Hierarquia de restrições de S1 para a palavra *detail* como substantivo contextualizado.

ORO ³	FtBin	Trochaic	Non-finality	Align (Foot, R, Word, R)	WSP
['dej<taw>]					*

(16) Hierarquia de restrições de S3 para a palavra *detail* como substantivo contextualizado.

ORO	FtBin	Trochaic	Align (Foot, R, Word, R)	WSP
[de'taw]				

(17) Hierarquia de restrições de S1 para a palavra *detail* como verbo contextualizado.

ORO	FtBin	Trochaic	Non-finality	Align (Foot, R, Word, R)	WSP
['dej<taw>]					*

(18) Hierarquia de restrições de S3 para a palavra *detail* como verbo contextualizado.

ORO	FtBin	Trochaic	Align (Foot, R, Word, R)	WSP
[di'taw]				*

Conforme pode ser observado nos tableaux, há apenas um output em cada um, pois, de acordo com a COT, apenas um padrão de ativação é acionado para um determinado input, gerando somente um candidato possível.

A diferença entre as hierarquias de restrições de S1 e S3 está na militância da restrição Non-finality, responsável pela produção correta dos substantivos por S1, como pode ser visto no tableaux em (15) e (16). Já S3, como ainda tem a militância da hierarquia de restrições da língua materna, realiza corretamente apenas os verbos, conforme o tableau disposto em (18).

É importante destacar que a realização incorreta dos verbos, por S1, está relacionada à generalização da hierarquia da L2, com a aplicação da extrametricidade à sílaba final dos verbos.

³ Output resultante do Otimizador.

4. Considerações finais

Podemos destacar algumas observações acerca dos resultados: (i) Quanto à aquisição do acento primário do Inglês, para os sujeitos S1 e S5, a militância da hierarquia de restrições da L1 não é tão forte, pois eles tendem a supergeneralizar o padrão da L2, já havendo uma movimentação na hierarquia de restrições desses aprendizes; (ii) Parece que, para os sujeitos S2, S3, S4 e S5, um fator que influencia a aquisição do acento primário do Inglês é a transferência interlingüística, ou seja, a militância da hierarquia de restrições da L1. Tal fato pode ser minimizado com a interação entre a instrução explícita e implícita no ensino do Inglês. Para os sujeitos S1 e S5, todavia, o processo não é o mesmo, pois ocorre transferência intralingüística. Isso pode ser minimizado com mais inputs das formas-alvo e com interação entre instrução explícita e implícita.

Os resultados indicam que as produções ainda apresentam a militância das restrições da língua materna, havendo a atribuição do acento primário à última sílaba, se pesada, ou à penúltima sílaba, tanto para verbos quanto para substantivos da língua inglesa. Tal fato indica, portanto, uma maior produção das formas-alvo dos verbos do que dos substantivos do inglês pelos participantes do estudo.

RESUMO: Objetivando aumentar as discussões acerca da aquisição do acento primário do Inglês, e contribuir com o desenvolvimento da Teoria da Otimidade Conexionista (Bonilha, 2004), o presente estudo analisa a produção de seis crianças, falantes nativas de Português Brasileiro. Elas leram em voz alta palavras isoladas e contextualizadas: substantivos e verbos.

PALAVRAS-CHAVE: acento primário do Inglês; aquisição de língua estrangeira; Teoria da Otimidade Conexionista

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *O papel da instrução explícita na aquisição fonológica do inglês como L2: evidências fornecidas pela Teoria da Otimidade*. Dissertação (Mestrado). Pelotas: UCPel, 2004. BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. *Aquisição fonológica do Português: Uma abordagem conexionista da Teoria da Otimidade*. Tese de doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2004. _____. *Teoria da Otimidade Conexionista: novas considerações*. Trabalho apresentado no 7º. ENAL. Porto Alegre: PUCRS, Out, 2006. _____.; VINHAS, Luciana Iost. *Aquisição do acento primário do inglês*. Trabalho apresentado no IV FILE. Pelotas: UCPel e UFPel, Jun, 2006. BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *The acquisition of English “-ed” complex codas by Brazilian Portuguese speakers: A reanalysis under a Connectionist Optimality Theory*. ROA, 2005. <Disponível em <http://ruccs.rutgers.edu/roa.html>>. Acesso em 24/08/2006. BISOL, Leda. *O acento e o pé métrico binário*. Cadernos de Estudos Linguísticos, n. 22, p. 69 – 80. Campinas: UNICAMP, 1992. BOERSMA, Paul.; HAYES, Bruce. *Empirical Tests of the Gradual Learning Algorithm*. Rutgers Optimality Archive, 1999. <Disponível em <http://ruccs.rutgers.edu/roa.html>>. Acesso em 24/03/2000. COLLISCHONN, Gisela. O acento no português. In: BISOL, Leda. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. JENSEN, John. *English phonology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1993. KAGER, René. *English Stress: Re-inventing the Paradigm*. GLOT International 9/10, 1995. McCARTHY, J. J.; PRINCE, A. *Prosodic Morphology I: Constraint Interaction and Satisfaction*. New Brunswick: Rutgers University Center for Cognitive Science, 1993. PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint Interaction and Generative Grammar*. Report n. RuCCS-TR-2. New Brunswick, NJ: Rutgers University Center of Cognitive Science, 1993. SILVEIRA, Rosane. *Perception and Production of English Initial /s/ Clusters by Brazilian Learners*. Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, v.2, n.1, 2002. VINHAS, Luciana Iost; MESQUITA, Michel dos Santos; BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. *Aquisição de estruturas silábicas complexas por aprendizes de inglês como língua estrangeira*. Trabalho apresentado na XV Semana de Letras. Maringá: UEM, Jun, 2004. VINHAS, Luciana Iost; FARIAS, Miriam Gonçalves de; SOARES, Alícia Endres; BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. *A aquisição do inglês como língua estrangeira: acionamento de restrições potenciais*. Trabalho apresentado no III FILE. Pelotas: UCPel e UFPel, Set, 2004. VINHAS, Luciana Iost; BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. *Aquisição de L2: cópia e compartilhamento de restrições*. Trabalho apresentado no IV SENALE. Pelotas: UCPel, Nov, 2005. ZIMMER, Márcia Cristina. *A transferência do conhecimento fonético-fonológico do português brasileiro (L1) para o inglês (L2) na recodificação leitora: uma abordagem conexionista*. Tese de doutorado. PUCRS. Porto Alegre, RS. In: FINGER, Ingrid; MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. (Compiladoras). *TEP (Textos em Psicolinguística)* [CD-ROM]. 1. ed. Pelotas: Educat, 2006. _____.; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *A produção de aspectos fonético-fonológicos da segunda língua: instrução explícita e conexionismo*. Linguagem & Ensino (UCPel), v.9, p.101-143, 2006.